

Entre arestas e interditos: o Jornalismo Literário como dupla ruptura epistemológica

Francisco Aquinei Timóteo Queirós¹

Resumo:

O presente artigo busca pensar o Jornalismo Literário a partir das implicações da segunda ruptura epistemológica presente no livro *“Introdução a uma ciência pós-moderna”*, de Boaventura de Sousa Santos (1989). O trabalho também tensiona algumas questões presentes em *“Epistemologias do Sul”*, centradas, principalmente, nas acepções da passagem de um pensamento abissal para um pós-abissal, englobando a perspectiva de uma ecologia de saberes. Nesse sentido, a segunda ruptura epistemológica corrobora para a problematização do Jornalismo Literário como arena de desconstrução/articulação e como pressuposto para a autonomia da criatividade individual e social da *práxis* jornalística. Como resultado, busca-se tomar o Jornalismo Literário como espaço agonístico – rearticulador do senso comum e de uma perspectiva pós-abissal.

Palavras-chave: Jornalismo literário; epistemologia; pensamento pós-abissal; ecologia de saberes.

Abstract:

This article seeks to think about literary journalism from the implications of the second epistemological rupture presented in the book *“Introdução a uma ciência pós-moderna”*, Boaventura de Sousa Santos (1989). The work also stresses on certain questions in *“Epistemologia do Sul”*, focusing mainly on the meanings of the passage from abyssal to post-abyssal thinking, encompassing the prospect of an ecology of knowledges. In this sense, the second epistemological rupture confirms the questioning of literary journalism as deconstruction/articulation arena, and as a prerequisite for the autonomy of the individual and social creativity journalistic practice. As a result, it takes literary journalism as an agonistic space – a bond creator between common sense and a post-abyssal perspective.

Keywords: Literary Journalism; epistemology; post abyssal thinking; knowledge of ecology.

Artigo recebido em: 25/09/2016.

Aceito em: 19/12/2016.

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, na linha de pesquisa Linguagem e Práticas Jornalísticas, na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Professor efetivo do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Acre (UFAC). E-mail: aquinei@gmail.com.

Introdução

O presente trabalho pretende compreender a inter-relação entre as características jornalístico-literárias, a experiência cotidiana e o senso comum como processo metodológico de arquitetura e representação da “realidade” social. Nesse sentido, as concepções da segunda ruptura epistemológica e também da passagem de um pensamento abissal para um pós-abissal se constituem como perspectiva para se pensar as histórias das pessoas comuns – na prosa jornalístico-literária - como postulado de resistência cognitiva. Como consequência, procura-se analisar como as ideias apontadas por Boaventura de Sousa Santos podem auxiliar na construção de um modelo de jornalismo que fuja dos parâmetros de configuração estandardizada e hermética do mundo.

Parte-se do pressuposto de que o jornalismo centrado no *lead* e na pirâmide invertida engendra óticas de apagamento da presença do outro e instaura uma visão atomizada, unilateral, hegemônica e hierarquizada do contexto sócio histórico.

Busca-se pensar o fenômeno jornalístico a partir da perspectiva de Gislene Silva (2009), tomando-o não apenas como prática social, mas em sua configuração política, econômica, tecnológica, como discurso, narração, imaginário e manifestação cultural. Nesse sentido, almeja-se promover a abertura do conceito de jornalismo, assimilando-o à dinâmica histórica para ratificar que a definição de jornalismo não é estática, mas que é atravessado por um irisado matiz de cores sociais.

Abrir o Jornalismo também no que diz respeito aos modos de reportar, a seus gêneros; «amolecer» os conceitos de notícia e de acontecimento jornalístico para que a Teoria do Jornalismo não seja reduzida ao estudo das *hard news*, do lide e sublide, do jornalismo «de referência», das editoriais de status como economia e política, mas ampliada também para a compreensão das *soft news*, das matérias de cultura e arte, das reportagens do jornalismo literário, sensacionalista, gonzo e popular (SILVA, 2009, p. 207-208).

Nesse sentido, a dupla ruptura epistemológica constitui um modo operatório de hermenêutica da epistemologia. Ao ser desconstruída/rearticulada, a ciência é inserida numa totalidade que a transcende. No dizer de Santos, trata-se de uma desconstrução que não é ingênua nem indiscriminada “porque se orienta para garantir a emancipação e a criatividade da existência individual e social, valores que só a ciência pode realizar, mas que não pode realizar enquanto ciência” (SANTOS, 1989, p. 46).

O estudo problematiza também conceitos referentes ao pensamento abissal e pós-abissal presentes no contexto social e histórico e com marcas muito destacáveis na prática jornalística. O Jornalismo Literário será o fio condutor para se pensar os pressupostos de Boaventura de Sousa Santos por permitir um debate mais incisivo sobre os contextos sociais, sobre o aprofundamento narrativo e, principalmente, por

trazer para o primeiro plano o embate entre os sujeitos sócio históricos – não como forma de visibilidade e dizibilidade hegemônicos e, sim, como situação-problema, como ponto de fricção entre realidades “dadas” e subalternizadas, entre ciência e senso comum, entre epistemologias do sul e epistemologias do norte.

O artigo apresenta dois grandes movimentos. O primeiro deles é discutir o conceito de Jornalismo Literário e apontar como o campo jornalístico pode direcionar o seu arcabouço para uma percepção heurística das relações sociais, históricas e dos contextos em que os indivíduos se situam. O segundo movimento é epistemológico. A partir das percepções aventadas por Boaventura de Sousa Santos presentes nas obras *Introdução a uma ciência pós-moderna* e *Epistemologias do Sul*, intenta-se discutir como a dupla ruptura epistemológica e o pensamento pós-abissal podem ajudar ao Jornalismo Literário na arquitetura de uma prática jornalística que consiga abranger o senso comum (transformar o senso comum com base na ciência) e permita o reconhecimento da pluralidade de conhecimentos heterogêneos (uma ecologia de saberes).

Jornalismo Literário

O que se conhece hoje como Jornalismo Narrativo ou Jornalismo Literário² conflui-se com o florescimento do romance-folhetim no século XVIII. Cimara Valim de Melo (2010) aponta que a propagação do jornal contribuiu para ampliar o público leitor da imprensa e dos romances nesse período. Os parâmetros jornalísticos e literários, como se percebe, emergem imbricados nas páginas de jornais:

A partir de 1740, com o advento das bibliotecas circulantes, o livro conseguiu uma maior proximidade com os leitores, substancialmente formados por estudantes e mulheres da classe burguesa. Com o estímulo à leitura provocada pela imprensa, em especial pelos folhetins, os romances tiveram sua expansão e conquistaram espaço na sociedade moderna (MELO, 2010, p. 73).

Felipe Pena (2006) destaca que o folhetim se desenvolve com grande vigor na França. Lá, a figura mais sobressalente foi Honoré de Balzac, que, de 1837 a 1847, publicou um folhetim por ano no jornal *La Presse*, o mesmo periódico que veiculou grande parte da obra de Eugène de Sue. Destacam-se também no período Victor Hugo, autor de *Os miseráveis*, e Alexandre Dumas, que escrevia no jornal, *Le Siècle*.

Na Inglaterra, o romance-folhetim alcançou fama com Charles Dickens e Walter

² Segundo Edvaldo Pereira Lima, o jornalismo literário constitui uma modalidade de prática da reportagem de profundidade e do ensaio jornalístico utilizando recursos de observação e redação originários da (ou inspirados pela) literatura. Traços básicos: imersão do repórter na realidade, voz autoral, estilo, precisão de dados e informações, uso de símbolos (inclusive metáforas), digressão e humanização. Abrange distintos formatos narrativos, como o perfil e a reportagem temática, assim como seu estilo é aplicado na produção de narrativas de viagem, biografias, ensaio pessoal e outros formatos. É um fenômeno universal, embora tenha se consolidado melhor nos Estados Unidos. No Brasil, foram precursores Euclides da Cunha e João do Rio. Modalidade conhecida também como Jornalismo Narrativo, Literatura da Realidade, Literatura Criativa de Não Ficção. No seu desenvolvimento norte-americano foi também influenciado pela sociologia, que lhe trouxe a técnica de captação conhecida como observação participante, hoje disseminada na prática jornalística de reportagem em várias partes do mundo, inclusive no Brasil.

Scott. Em Portugal, Camilo Castelo Branco e Júlio Diniz publicaram suas histórias em diferentes periódicos, como *República*, *A capital*, *Diário de Notícias*, *Diário Popular* e *Diário de Lisboa*. Na Rússia, grandes escritores se destacaram na produção folheteira, caso de Dostoievski e Tolstoi.

No Brasil, os jornais constituíram-se como seara para os principais escritores nacionais que despontaram no século XIX e início do século XX. Nomes como Raul Pompéia, Aluísio de Azevedo, Euclides da Cunha e Visconde de Taunay editaram suas obras inicialmente em jornais. Contudo, o primeiro romance-folhetim publicado no país, em 1852, foi *Memórias de um sargento de milícias*, no *Correio da Manhã*, por Manuel Antônio de Almeida.

Os jornais do período constituem uma ponte natural de inserção dos escritores na literatura e na política. Nos anos de 1830 há uma quantidade diversificada de autores – de anônimos a escritores consolidados – trabalhando em jornais e vivendo do ofício jornalístico como, por exemplo, Machado de Assis, Joaquim Manuel de Macedo, Aluísio Azevedo e Visconde de Taunay.

A divisão de castas entre jornalismo e literatura começou a se acentuar a partir da segunda metade do século XIX com a propagação do “estilo” de jornalismo norte-americano em detrimento ao modelo desenvolvido na França.

A prática jornalística estadunidense instaura a partir de 1861 a cisão entre opinião e informação, elide as discussões ideológicas — ao menos idealmente — promove a troca da persuasão pela busca pela “verdade” e organiza os pressupostos que margeiam a redação jornalística, como a ordem direta do texto, a clareza e a concisão.

As transformações engendradas pelos periódicos sediados nos Estados Unidos conduzem o texto jornalístico a uma forma de transmissão informativa assentada cada vez mais na hierarquização dos elementos textuais e na homogeneização da reportagem e da notícia e isso redundava na padronização textual.

Segundo Felipe Simão Pontes (2009), os jornais passam a assimilar a estrutura das conversas populares e assumem a condição de arautos do debate político, econômico e cultural. Os periódicos passam a cumprir o papel de demiurgos, levando a todas as pessoas que não têm acesso ao debate direto e aos acontecimentos políticos, as notícias e as reportagens:

Portanto, a confiabilidade depositada na contratação de especialistas para a obtenção de informação comercial e política, ou apenas em partidários de uma mesma ideologia política, agora está depositada nesses profissionais da informação. Associa-se a isso o surgimento da figura do repórter, que vai até o local dos acontecimentos investigar os casos. Consolida-se, portanto, uma prática informativa que se preocupa com temas de relevância social como política e economia (*hard news*), e seu modo de escrita reúne a linguagem direta dos *fait divers* com o sentido dos debates políticos e literários. A nascente profissão precisa garantir a qualidade da apuração e verificação dos fatos, transmiti-los para o maior número possível de pessoas e postar-se como

defensor da verdade. O interesse é político, comercial, mas também passa a ser ético. Nasce a profissão do jornalista no jornalismo (PONTES, 2009, p. 38).

Marcelo Bulhões (2007) aponta que diferente dos procedimentos da imprensa norte-americana, o jornalismo francês do começo do século XIX seguia pela via da doutrinação e da opinião. A prática desse formato explica-se pela tendência dos periódicos franceses em adotar a oratória e a eloquência de doutrinação política na escrita dos textos jornalísticos.

A França é conhecida como berço das principais transformações filosóficas e sociais - como o Iluminismo, as revoluções burguesas - e também pelos escritores e pensadores que produziu em diferentes épocas, caso de Montaigne, Voltaire, Pascal, Molière, Lamartine, Musset, Balzac e Zola, por exemplo. A conjunção desses elementos, aliada à tradição livresca, desvelou duas vertentes bastante relevantes do jornalismo francês - a literária e a política - que segundo Bulhões (2007) se tocavam profundamente, pois a imagem do escritor como militante político era preciosa para o jornalismo francês.

Nilson Lage (2005) corrobora com as ideias de Bulhões, apontando que o fator econômico também desempenhou papel preponderante na constituição do modelo de jornalismo adotado na França. Nos Estados Unidos, os periódicos estavam organizados segundo a tríade publicitária jornal-leitores-anunciantes (além dos financiadores), o que integrava o jornal ao sistema econômico. Na França, os periódicos estavam atrelados a partidos políticos, situação que perdurou até o final do século XIX e afetou, sobremaneira, o estilo da escrita jornalística que ficou definida como exaltada, ornamental e rebuscada.

Bulhões (2007) acrescenta que a intersecção entre jornalismo e literatura situa-se, desse modo, em um território convulsionado em que se configuram impasses, ajustes e conflitos. Os dois padrões de jornalismo podem ser entendidos a partir das concepções de linguagem com que a atividade jornalística se desenvolveu no âmbito mais amplo da organização social, política e econômica tanto dos Estados Unidos quanto da França:

Mas, como se viu no caso da França, não se pode esquecer também que há fatores prioritariamente relacionados à própria tradição cultural das letras de cada país. Em parte, os Estados Unidos herdaram da tradição literária britânica paradigmas de uma expressão que não raramente conseguia conciliar erudição e simplicidade. Na França, ao contrário, a prática jornalística do século XIX muitas vezes se pautou por uma retórica beletrista empolgada e embolorada, com marcas de embelezamento estéril (BULHÕES, 2007, p. 33).

O século XIX assinala a prevalência do modelo positivista do jornalismo norte-americano sobre o padrão beletrista francês. Dispostos lado a lado, as concepções de linguagem presentes nas duas vertentes jornalísticas - estadunidense e francesa - ascendem sob o salvo-conduto de modos distintos com que a atividade jornalística

se desenvolveu, abrangendo conjunturas econômicas e sociais diametralmente opostas.

A prática jornalística e os aspectos literários serão afetados pelo Positivismo. Na literatura, a materialidade, a concretude da vida e os pequenos acontecimentos passam a constituir aquilo que Marcelo Bulhões (2007), aludindo Émile Zola, chama de “senso de real”.

No século XIX, a figura do repórter se encarrega de investigar, tomar notas, documentar, conversar com pessoas, observar e “traduzir” as informações em fatos, notícias e reportagens. A apuração e a objetividade são institucionalizadas como cânones do bom jornalismo.

Sob a insígnia desses pressupostos, o jornalismo adquire algumas convicções: a de que é possível ter acesso direto aos contornos do real pulsante e conferir-lhe um matiz de autenticidade; a de que se pode captar a realidade cotidiana, depurando-a de suas contradições e, por fim, a de que cabe ao jornalismo ser o transmissor da realidade dos acontecimentos.

Essas crenças apoiam-se nas ferramentas e procedimentos jornalísticos, notadamente, do *lead* e da *pirâmide invertida*, que conferem às notícias um viés marcadamente uniformizador, homogêneo e hierarquizado. Os periódicos executam, nesse sentido, a tarefa de registrar o real e de apresentá-lo como “verdade” inconteste. A objetividade jornalística elide as contradições sociais e enxerga o fato como discurso unilateralmente concreto.

O *lead* e a pirâmide invertida se convertem em termos problemáticos quando se trata de compreender a complexidade dos fatos cotidianos. A prática jornalística a título de informar oblitera de maneira parcial e redutora fenômenos sociais cada dia mais inter-relacionados, como a política, a economia e a ciência.

Disso resulta que o jornalismo assentado sob a premissa dos paradigmas de neutralidade, imparcialidade e objetividade não consegue apreender a dinâmica que perpassa o contexto social e age por simplificação. Mar de Fontcuberta (2006) destaca que o jornal vive no momento atual sob o império dos princípios da disjunção, redução e abstração – que em conjunto constituem o que se denomina como “paradigma da simplificação”. A autora explica que a forma “atomizada” de reportar aos contextos sociais implica em uma barreira para se compreender a realidade:

La disyunción y la reducción están presentes en la mayoría de las pautas periodísticas, configurando lo que Abraham Moles denomina “la cultura mosaico” para referirse a los contenidos ofrecidos por los medios de comunicación que define como fragmentarios, atomizados, y expuestos sin ninguna jerarquización. Moles denomina a esos contenidos “átomos de cultura”, y considera que son un obstáculo para comprender la realidad. Precisa que el papel de la cultura consiste en proporcionar al individuo una pantalla de conceptos, sobre la cual éste proyecta y ordena sus percepciones del mundo exterior. (FONTCUBERTA, 2006, p. 11)

Para Fontcuberta (2006), a informação deve ser o mais confiável possível e suficientemente completa para permitir a compreensão real da atualidade. Deve-se levar em consideração que a compreensão das notícias exige a inserção de um contexto, a explicação de suas causas e uma pergunta que explicita as suas consequências. Nesse sentido, a autora aponta para a passagem de um pensamento simplificador para uma perspectiva complexa de desvelamento da realidade social. Sob essa perspectiva, o Jornalismo Literário desempenha um papel importante na problematização do fato e da articulação da notícia com os aspectos sociais, políticos, econômicos e culturais. Insere, pois, efetivamente, a notícia como elemento de inteligibilidade do contexto social e de compreensão dos sujeitos que compõem a arena histórica.

Ao discutir os conceitos de sociedade complexa, Fontcuberta recorre a Edgar Morin (1997). O sociólogo francês explica que a complexidade é uma palavra problema e não uma palavra solução. Para Morin a separação do conhecimento se viu agravada pela redução do complexo ao simples e por uma hiperespecialização que fragmenta o tecido social. Fontcuberta acrescenta que o pensamento simplificador não é capaz de conceber o singular e a realidade múltipla. Chega-se, nesse sentido ao que se denomina de inteligência cega, “que destruye los conjuntos y las totalidades, y aísla a todos sus objetos de sus ambientes. Morin considera que ello produce una patología contemporánea de pensamiento” (Fontcuberta, 2006, p. 10).

Refletindo a partir dos termos do Jornalismo Literário, apreende-se que a prática jornalística centrada na configuração social, econômica e política, permite a enunciação de um discurso e de uma narração que problematize e complexifique as distintas realidades que compõem o contexto social. Dessa forma, o jornalismo pode ir além dos maniqueísmos, permitindo-se lançar um olhar heurístico sobre os fatos que compõem a realidade. A partir dessa perspectiva é que serão discutidos a partir de agora os conceitos de dupla ruptura epistemológica e de pensamento abissal e pós-abissal em Boaventura de Sousa Santos.

Dupla ruptura epistemológica e pensamento pós-abissal

O Jornalismo Literário articula-se, para a perspectiva do presente artigo, como um constructo – em que as linhas mestras que atravessam o contexto social – são constituídas por distintas visões de mundo, englobando, portanto, um contingente multifacetado de sujeitos e de vozes sociais.

O enredo jornalístico-literário equilibra-se sobre aspectos políticos, críticos e culturais. Sua narrativa instaura simultaneamente um discurso social e estético, vislumbrando-se a variedade de vozes sociais, o estilo jornalístico-literário e a organização do enredo histórico.

Sob essa perspectiva, os acontecimentos³ e fatos assumem uma dimensão social,

3 O objetivo principal desse artigo não é discutir os conceitos referentes a fato, notícia e acontecimento. Contudo, entende-se que os enunciados presentes nesses termos nos ajudam a entender como se institui e se processam os sentidos do Jornalismo Literário. Para aclarar as percepções do leitor em relação ao texto, tomam-se as noções de fato, notícia e acontecimento a partir da perspectiva de Miquel Rodrigo Alsina (2009). Para o autor, acontecimento é um fenômeno social e está determinado histó-

em que as narrativas engendram os sentidos e promovem o aprofundamento dos aspectos históricos – tomando como termo central o indivíduo – em contraposição aos valores arraigados que colocam em primeiro plano a história social dominante.

Para compreender como se superpõem as relações entre Jornalismo Literário e senso comum, o presente estudo recorre aos pressupostos da dupla ruptura epistemológica e do pensamento abissal e pós-abissal. Com isso, pretende-se incorporar o discurso jornalístico, a vida cotidiana, as atitudes e os sentimentos da coletividade e dos sujeitos anônimos ao debate histórico-social.

Recorre-se ao conceito de dupla ruptura epistemológica proposta por Boaventura de Sousa Santos (1989) com a finalidade de se pensar o Jornalismo Literário como *locus* em que o senso comum, o conhecimento vulgar e a experiência imediata emergem como prática de resistência cognitiva e epistemológica dos sujeitos que compõem a tessitura do social.

O sociólogo português toma como ponto de partida para sua reflexão, a arquitetura lógica do processo científico em Bachelard. Sob esse prisma, Santos deixa claro que Bachelard propunha a acepção de ciência em contraposição ao senso comum, evidenciando que para se chegar ao conhecimento científico são necessários três atos epistemológicos: a ruptura, a construção e a constatação.

Para Santos, o senso comum assume uma função de positividade apontando para um projeto de emancipação social e cultural. Sob essa perspectiva, o senso comum só desenvolve sua plena positividade no momento em que ele e a ciência moderna consigam ir além de si mesmos para dar lugar à outra forma de conhecimento. Segundo o autor de *Introdução a uma ciência pós-moderna* é nestes termos que se concebe o reencontro da ciência com o senso comum:

Esta concepção pode formular-se do seguinte modo: *uma vez feita a ruptura epistemológica, o acto epistemológico mais importante é a ruptura com a ruptura epistemológica*. O senso comum, enquanto conceito filosófico, surge no século XVIII e representa o combate ideológico da burguesia emergente contra o irracionalismo do *ancien régime*. Trata-se, pois, de um senso que se pretende natural, razoável, prudente, um senso que é burguês e que, por uma dupla implicação, se converte em senso médio e em senso universal. A valorização filosófica do senso comum esteve, pois, ligada ao projecto político de ascensão ao poder da burguesia, pelo que não surpreende que, uma vez ganho o poder, o conceito filosófico de senso comum tenha sido correspondentemente desvalorizado como significando um conhecimento superficial e ilusório (SANTOS, 1989, p. 39).

Apreende-se que a dupla ruptura não significa que a segunda ruptura neutralize a primeira e que, assim, se regresse à situação anterior à primeira ruptura. Pelo contrário, conforme esclarece Santos, a dupla ruptura procede a um trabalho de transformação tanto do senso comum como da ciência. Enquanto a primeira ruptura

rica e culturalmente. É claro que, cada sistema cultural vai concretizar quais são os fenômenos que merecem ser considerados como acontecimentos e quais passam despercebidos. Os acontecimentos constituem um conjunto de fatos conhecidos. O fato constitui uma configuração concreta particular do acontecimento. Desse modo, os fatos seriam tudo que acontece no mundo. A notícia – para Alsina – se afirma como uma representação social da realidade cotidiana, gerada institucionalmente e que se manifesta na construção de um mundo possível.

é imprescindível para constituir a ciência, mas deixa o senso comum tal como estava antes dela, “a segunda ruptura transforma o senso comum com base na ciência constituída e no mesmo processo transforma a ciência” (SANTOS, 1989, p. 45).

Pensar o Jornalismo Literário, a partir da dupla ruptura epistemológica possibilita a abertura de um novo discurso – centrado na rearticulação da ciência e na sobredeterminação de um conhecimento comum – abarcando distintas vozes, diversificadas formas de questionamentos e um profuso debate social.

O texto jornalístico tradicional – centrado em uma estrutura estandardizada e linear - passa a se constituir com a dupla ruptura epistemológica como elemento representativo-cultural propício a variações, tanto no tempo quanto no espaço. Em outras palavras, a realidade é uma construção social, em que as opiniões das pessoas comuns também devem ser consideradas como fontes históricas e como fatos noticiosos. Contudo, o jornalismo dito tradicional não trata das diferenças, mas se volta para as hegemonias. E isso se reflete num parâmetro cognitivo de ver o mundo - em que as vozes subalternas são suplantadas em detrimento de um pensamento abissal excludente, que oblitera a perspectiva de um postulado de resistência epistemológica, conforme explicita Boaventura de Sousa Santos.

Se o jornalismo não confere voz aos marginalizados, ele ajuda a apagar situações e reafirmar alguns pontos de vista hegemônicos. Trazendo Jeanne Marie Gagnebin (1994) ao diálogo:

Podemos afirmar que aquele que quer ir além dessa tradição dos vencedores (...) deve saber agarrar-se a essas asperezas (...) essas arestas (...) que lhe oferecem tantas escoras ou pontos de apoio na sua luta contra o fluxo nivelador da história oficial que, justamente, deixa escapar esses lugares nos quais a tradição/transmissão se interrompe (GAGNEBIN, 1994, p. 114-115).

Inferre-se, nesse sentido, que o Jornalismo Literário ajuda na observação dos interditos dos contextos, dos vestígios das histórias narradas pelos jornais e das miríades de vozes que povoam o constructo social. Essas observações permitem a descoberta de novas experiências e a arquitetura de múltiplas narrativas. Tal aspecto só tende a enriquecer o trabalho jornalístico, sublimando-o para além de uma perspectiva do pensamento abissal.

A verdade da prática jornalístico-literária não está em revelar a existência real de sujeitos sociais e fatos narrados, mas em possibilitar a leitura das questões em jogo numa temporalidade dada. E, com isso, o Jornalismo Literário consegue abarcar algumas premissas, como: capturar as impressões da vida, configurar a energia presente no passado e articular as identidades das personagens comuns, situando-as no mundo.

De acordo com Gagnebin (1994), somente esses destroços e fragmentos dispersos de uma totalidade reconhecida deixam entrever o esboço de uma realidade. Mas

o “indício da verdade da narração não deve ser procurado no seu desenrolar, mas, pelo contrário, naquilo que (...) lhe escapa e a escande, nos seus tropeços e nos seus silêncios” (Gagnebin, 1994, p. 115). A mesma autora segue o pensamento afirmando que a história tradicional quer apagar as brechas da narrativa, mas nem assim consegue esgotar as diversas veredas do seu discurso:

(...) o que a história tradicional quer apagar são os buracos da narrativa que indicam tantas brechas possíveis no *continuum* da dominação. Mas essa figura de pensamento indica muito mais que um instrumento de luta ideológica. Ela significa mais profundamente que a verdade de um discurso não se esgota nem no seu desenrolar harmonioso nem na sua argumentação sem falhas, nem na sua coerência interna (GAGNEBIN, 1994, p. 115).

Pensamento semelhante apresenta Le Goff (1990). Ele afirma que é nas profundezas do cotidiano, nos detalhes e nas minúcias, que se capta o estilo de uma época e que os textos literários e artísticos são fontes privilegiadas quando considerados como histórias da representação dos fenômenos objetivos. Em outras palavras, se considerados como formas de representação da realidade, as fontes literárias – e por extensão o Jornalismo Literário - podem e devem ser utilizadas como espaços de crítica da narrativa histórica.

Le Goff (1990) traz à tona a ideia de que as relações de poder podem reforçar o monopólio de uma suposta memória coletiva, por isso a necessidade de não se permitir a ‘mudez’ de algumas classes, caso das personagens arrolados nas narrativas de *A vida que ninguém vê*⁴ e em *O olho da rua*⁵, de Eliane Brum, por exemplo. Situações assim implicam no não conhecimento de verdades possíveis. E a literatura e, por extensão, o Jornalismo Literário, são vistos como alternativas para que isso não aconteça:

Do mesmo modo, a memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva (LE GOFF, 1990, p. 426).

Desse modo, o Jornalismo Literário pode obter novas versões para a história tradicional e explorar as evidências, até então, inexploradas. Em outras palavras, ele pode se debruçar cada vez mais sobre as pessoas comuns e sobre as formas pelas quais elas conferem sentido às suas experiências, suas vidas e ao seu mundo.

Os textos de Eliane Brum referenciados anteriormente problematizam o pensamento moderno tradicional ao fazer surgir na superfície da prosa jornalística o

4 A obra *A vida que ninguém vê* é composta por 23 matérias. Os textos foram publicados em 1999, na coluna que Eliane Brum mantinha aos sábados no jornal Zero Hora, na cidade de Porto Alegre. As reportagens foram organizadas em formato de livro em 2006. Conforme explica Brum (2006), a finalidade da coluna era apresentar a vida das pessoas comuns “como os épicos que são, como se cada Zé fosse um Ulisses, não por favor ou exercício de escrita, mas porque cada Zé é um Ulisses. E cada pequena vida uma Odisseia” (Brum, 2006, p. 187).

5 Já o livro *O olho da rua* foi inicialmente publicado em 2008 e é resultado de reportagens produzidas por Eliane Brum para a revista Época. A obra foi lançada pela editora Globo e é composta por dez reportagens. Caco Barcellos (2008), escreve no prefácio do livro, que o trabalho da reportagem, “para Eliane, é um ato de entrega, de envolvimento intenso entre quem fala e quem escuta, por meio de uma relação preciosa de confiança mútua entre repórter e personagem” (Barcellos, 2008, p. 10).

“outro” contrastante. Esse “outro” irrompe-se no contexto jornalístico-literário como desvio, como ruptura, como transgressão.

Aproximando-se do pensamento de Boaventura de Sousa Santos (2010), pode-se deduzir que o “apagamento” dos sujeitos subalternos no texto jornalístico tradicional se apresenta como um tecido de articulações cuja narrativa produz e radicaliza distinções. Nessa senda, Santos (2010) afirma que o pensamento moderno ocidental é um pensamento abissal, clivado por distinções que atravessariam a realidade social dividindo-a em polos opostos, separados por uma linha.

Segundo o sociólogo português, o pensamento abissal consiste em um sistema de distinções visíveis e invisíveis, sendo que as invisíveis fundamentam as visíveis. As distinções são estabelecidas através de linhas radicais que dividem a realidade social em dois universos distintos: o universo ‘deste lado da linha’ e o universo ‘do outro lado da linha’. Santos explica que a divisão é tal que ‘o outro lado da linha’ desaparece enquanto realidade, torna-se inexistente, e é mesmo produzido como inexistente:

Inexistência significa não existir sob qualquer forma de ser relevante ou compreensível. Tudo aquilo que é produzido como inexistente é excluído de forma radical porque permanece exterior ao universo que a própria concepção aceite de inclusão considera como sendo o Outro. A característica fundamental do pensamento abissal é a impossibilidade da copresença dos dois lados da linha. Este lado da linha só prevalece na medida em que esgota o campo da realidade relevante. Para além dela há apenas inexistência, invisibilidade e ausência não dialéctica (SANTOS, 2010, p. 32).

Segundo Santos, a ruptura com o pensamento abissal se dá a partir do que ele chama de pensamento pós-abissal – cujo cerne é reconhecer que a exclusão social em seu sentido mais amplo se articula de formas variadas. O reconhecimento da persistência do pensamento abissal se institui como condição essencial para começar a pensar e a agir para além dele. Santos argumenta que sem este reconhecimento, o pensamento crítico permanecerá um pensamento derivativo que continuará a reproduzir as linhas abissais, por mais anti-abissal que se auto-intitule. Diametralmente, o pensamento pós-abissal é um pensamento não-derivativo, envolve uma ruptura radical com as formas ocidentais modernas de pensamento e ação. No momento histórico atual, conforme explica Santos (2010), “pensar em termos não-derivativos significa pensar a partir da perspectiva do outro lado da linha, precisamente por o outro lado da linha ser o domínio do impensável na modernidade ocidental” (Santos, 2010, p. 53).

O pensamento pós-abissal pode ser sumariado como um aprender com o Sul usando uma epistemologia do Sul. Confronta a monocultura da ciência moderna com uma ecologia de saberes. É uma ecologia, porque se baseia no reconhecimento da pluralidade de conhecimentos heterogêneos (sendo um deles a ciência moderna) e em interações sustentáveis e dinâmicas entre eles sem comprometer a sua autonomia. A ecologia de saberes baseia-se na ideia de que o conhecimento é interconhecimento (SANTOS, 2010, p. 53).

A perspectiva de um pensamento pós-abissal pode ser percebida nas matérias *Enterro de pobre*⁶ e *Sinal fechado para Camila*⁷, presentes no livro-reportagem *A vida que ninguém vê*. As duas reportagens aqui discutidas articulam uma crítica ao modelo uniformizador da prosa jornalística, centrado na simplificação dos sujeitos e dos temas.

Os enredos emergem no texto não apenas como modelos de acontecimentos e processos passados, mas como afirmações metafóricas convencional e culturalmente sancionadas da história da vida cotidiana. É o que se verifica no excerto da reportagem *Sinal fechado para Camila*:

“Tio lindo, tia linda do meu coração. Eu pergunto a você se não tem um trocadinho ou uma fichinha pra essa pobre garotinha [...]. Você, quase com certeza, ouviu esse hino. Pois saiba. A menina que o compôs morreu no domingo. Nunca mais ela assombrará a sua janela. A menina se chamava Camila. Camila Velasquez Xavier. Tinha dez anos. Mas os dez anos dela equivalem a cem dos seus. Camila viveu muito, até. No bairro onde ela nasceu, o Bom Jesus, 17 como ela morreram antes de completar um ano em 1997. Camila nasceu na Fátima, uma vila da Grande Bom Jesus. Vila, modo de dizer. Becos e mais becos de barracos amontoados sobre o cimento. Lá, o controle da população é feito ao natural. Só em janeiro, já tombaram quatro. Assassinatos citados em notinhas de canto de página (BRUM, 2006, p. 126).

No fragmento acima, Brum opta pela história de pessoas comuns como forma de apresentar um texto mais humanizado para o seu leitor. A reportagem instaura simultaneamente um discurso social e estético, abrangendo um conjunto diversificado de vozes sociais.

A narrativa foge da lógica abissal – que privilegia uma epistemologia das consequências – abrindo espaço para a complexificação do fato. Nota-se que o Jornalismo Literário opta pela arquitetura do contexto, pelo aprofundamento das personagens e pelo desvelamento dos detalhes. A tríade contexto-personagens-detalmes instaura em lugar da percepção das consequências, o “lugar” complexo das causas. No *corpus* em estudo, constata-se que Brum afasta-se do óbvio noticioso – que seria dizer, grosso modo, que uma criança morreu – e opta pela enunciação das causas, pela explicitação do sujeito e pela contextualização social e histórica. Não se trata de minimizar pelo singular, mas de problematizar a lógica social dos fatos.

A organização do enredo jornalístico-literário de *Sinal fechado para Camila* permite a constituição de uma história da vida cotidiana – em que um indivíduo anônimo como Camila – emerge como sujeito social e histórico. Não se trata aqui de enunciar a intriga da história a partir dos vencedores, mas de apresentá-la a partir

6 Na reportagem *Enterro de pobre*, Eliane Brum narra a história do descascador de eucalipto da cidade de Butiá, Antonio Antunes, cujo filho nasceu morto por falta de atendimento médico adequado em um hospital de Porto Alegre. Em sua matéria, Brum descreve o momento em que Antonio enterra o filho recém-nascido na cova número 2026, no Campo Santo do Cemitério da Santa Casa.

7 Em *Sinal fechado para Camila*, Eliane Brum descreve um aspecto contumaz da realidade brasileira: as crianças pedintes de sinal. Como personagem para a sua narrativa, Brum adota o exemplo da menina Camila, de dez anos de idade, que costumeiramente é vista nos cruzamentos da cidade de Porto Alegre. Para se diferenciar das outras crianças que pedem no sinal, Camila adota a frase que se tornou sua identidade: “Tio lindo, tia linda do meu coração. Eu pergunto a você se não tem um trocadinho ou uma fichinha pra essa pobre garotinha” (Brum, 2006, p. 126).

da dinâmica cultural e social dos vencidos.

Aludindo Jorge Kanehide Ijuim (2014), a partir da leitura que ele faz dos conceitos de pensamento abissal e pós-abissal, em Boaventura de Sousa Santos, pode-se constatar que o Jornalismo Literário empreende um caminho crítico ao primado da ciência - que promove a transformação de fenômenos em coisas; combate uma lógica científica que estimula a concentração nas consequências e raras vezes nas causas; vai contra o desprezo ao senso comum, que leva a imprensa a privilegiar as fontes oficiais; e, por fim, o Jornalismo Literário combate uma postura excludente e desumanizadora, que caricaturiza e degrada pessoas.

Na reportagem *A casa de velhos*⁸, do livro *O olho da rua*, os sujeitos são concebidos sempre como seres sociais. Trata-se, portanto, de sujeitos não assentados em uma individualidade, mas em existências sociais, ideológicas e históricas delimitadas pela relação com um conjunto de outros seres com os quais dialogam e se produzem culturalmente. É o que pode ser percebido na passagem a seguir, que descreve a chegada dos velhos ao asilo São Luiz:

De repente eles chegaram lá, diante do portão de ferro da casa de velhos. A vida inteira espremida numa mala de mão. Deixaram para trás a longa teia de delicadezas, as décadas todas de embate entre anseio e possibilidade. A família, os móveis, a vizinhança, as ranhuras das paredes, um copo na pia, o desenho do corpo no colchão. Reduzidos a único tempo verbal, o pretérito, com suspeito presente e um futuro que ninguém quer.

Eles também pensaram que a velhice era destino de terceiros. Jamais suspeitaram que estariam diante daquele portão. Descobriram na soleira que um passo vale por abismo. Foram deixados ali porque outros decidiram que o tempo deles acabou. Lançados numa casa que não é a sua, entre móveis estranhos, faces que não reconhecem, lembranças que não se encaixam. Reduzidos a contar uma história que ninguém quer ouvir porque já passou.

“Nem quis me despedir de minha casa”, conta Sandra Carvalho. “Só pedi a meu filho que trouxesse a estante com os bibelôs, um sofá, a cadeira de braço, uma mesa e meus retratos. E, desde então, vivo com o que sobrou.”

Sandra veio com o marido doente. Ele morreu há oito meses. Sandra ficou. Os netos cresceram nos retratos, os olhos dos filhos tingiram-se de novas nuances, a casa foi alugada para outro. Até a cidade ganhou e perdeu. Sandra não viu. (BRUM, 2013, p. 85-86)

Eliane Brum (2013) surge no trecho acima, como a mediadora das vozes das “personagens”, concretizando, dessa forma, a metáfora polifônica de Mikhail Bakhtin. Como se vê, a posição do autor em relação à composição da narrativa é dialógica, proporcionando do início ao fim, independência e autonomia interna. No exemplo em estudo, a narrativa organiza o fato como algo presente, dinâmico e vivo. Brum vai desvelando todas as minúcias, todos os detalhes e os acontecimentos são mostrados diretamente ao leitor.

Para compor a “imagem” do asilo São Luiz para Velhice, Eliane Brum (2013)

⁸ A reportagem *A casa de velhos*, descreve o cotidiano e as histórias de vida dos habitantes do asilo Casa São Luiz para Velhice, localizada no Rio de Janeiro. O espaço é habitado por 257 velhos organizados entre os que habitam as suítes particulares e os que vivem nas camas gratuitas dos dormitórios coletivos. O texto discute questões como abandono, obsessão pela juventude e solidão na velhice.

vai além do aspecto da notícia e constrói o fato cena a cena, arquitetando a narrativa como um mosaico. As imagens assim dispostas guardam simultaneamente uma carga informativa, literária e noticiosa. Percebe-se, desse modo, que a reportagem em estudo é composta por um condimento formado por uma alquimia de elementos literários e factuais, destacando-se a fluência narrativa, os recursos de sugestão cinematográfica e as pinceladas de composição das “fontes-personagens”.

Na reportagem, as vozes dos sujeitos desvelam lugares e expressam significativas realidades sociais. A superposição de um conjunto de diferentes vozes constitui e integra o espaço sócio-histórico das “personagens”. Os sujeitos não são homogêneos; suas “falas” se constituem da sobreposição de múltiplos discursos, de discursos em oposição, que se negam e se contradizem. Mikhail Bakhtin complementa afirmando que:

cada indivíduo têm um auditório social próprio bem estabelecido, em cuja atmosfera se constroem suas deduções interiores, suas motivações, apreciações, etc. Quanto mais aculturado for o indivíduo, mais o auditório em questão se aproximará do auditório médio da criação ideológica, mas em todo caso o interlocutor ideal não pode ultrapassar as fronteiras de uma classe e de uma época bem definida (BAKHTIN, 2006, p. 116-117).

Percebe-se que as histórias cotidianas presentes em *A vida que ninguém vê* e em *O olho da rua* permitem lançar um outro olhar sobre a prática jornalístico-literária, ao trazer para o primeiro plano a história das pessoas comuns. Rompe-se, assim, com a história habitual que comemora “as façanhas dos vencedores” (Gagnebin, 1994, p. 114), rompe-se com o silêncio dos marginalizados e é dada voz aos supostamente vencidos para saber como eles pensam, o que sentem e como observam as circunstâncias vividas.

Considerações finais

O Jornalismo Literário propõe – com a dupla ruptura epistemológica e com o pensamento pós-abissal – a articulação reconciliadora entre saberes aparentemente díspares – agrupados no par antitético ciência e senso comum. A partir da arquitetura dessas instâncias de saber, busca-se, como diz Santos (1989), apontar para uma hermenêutica da epistemologia, abrangendo critérios críticos e sociológicos. Nesse sentido, a urdidura dos textos escritos segundo a diretriz do Jornalismo Literário apresenta as tonalidades da existência social, os seus conflitos e as suas contradições.

A procura por garantir espaço à multiplicidade de vozes sociais direciona a tessitura do enredo jornalístico-literário a um recorte diferenciado do real e da factualidade das “personagens” representadas. Fazendo, assim, com que a intriga narrativa engendre novos interpretantes, sentidos e significados para o constructo sócio histórico – que não estejam centrados unicamente na história dos vencedores, mas que

englobe a história das pessoas comuns.

Apreende-se, desse modo, que entender a narrativa jornalística como dupla ruptura epistemológica e como pensamento pós-abissal abre a possibilidade de uma síntese mais rica da compreensão histórica e de uma fusão da história da experiência do cotidiano das pessoas com a temática dos tipos mais tradicionais de narrativa – articulando as histórias das pessoas comuns à biografia das classes hegemônicas.

Em estreita concordância com os pressupostos aventados anteriormente, pode-se concluir que a história dos “sujeitos subalternos” presentes em *A vida que ninguém vê* e em *O olho da rua* constituem um conjunto múltiplo e heterogêneo de vozes sociais, que se articulam e garantem na tessitura da prosa discursiva a pluralidade de distintas visões de mundo e de consciências.

Referências

- ALSINA, M. R. 2009. *A construção da notícia*. Petrópolis: Vozes.
- BAKHTIN, M. 2006. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi. São Paulo: Hucitec.
- BULHÕES, M. 2007. *Jornalismo e literatura em convergência*. São Paulo: Ática.
- BARCELLOS, C. 2013. *O olho da rua: Uma repórter em busca da literatura na vida real* (prefácio). São Paulo: Globo.
- BRUM, E. 2013. *O olho da rua: uma repórter em busca da literatura da vida real*. São Paulo: Globo.
- BRUM, E. 2006. *A vida que ninguém vê*. Porto Alegre: Arquipélago Editorial.
- IJUIM, J. K. 2014. *Ciência e Jornalismo: Apontamentos Sobre as Ideias de Boaventura de Sousa Santos para a Compreensão do Jornalismo*. Ação Midiática – Estudos em Comunicação, Sociedade e Cultura. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/acaomidiatica/article/view/36297/22922>>. Acesso em: 04/07/2016.
- Fontcuberta, Mar de. 2006. El periódico en una sociedad compleja. In: BORRAT, Héctor; Fontcuberta, Mar de (Orgs). *Periódicos: sistemas complejos, narradores em interacción*. Buenos Aires: La Crujía.
- GAGNEBIN, J. M. 1994. *História e narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva/FAPESP; Campinas: Editora da UNICAMP.
- LAGE, N. 2005. *Teoria e técnica do texto jornalístico*. Rio de Janeiro: Elsevier.
- LE GOFF, J. 1990. “História”; “Memória” e “Documento/Monumento” In: Enciclopédia Einaudi *Memória-História*, Campinas: Editora da Universidade de Campinas.

LIMA, E. P. 2016. *Jornalismo Literário*. Disponível em: < <http://www.edvaldopereiralima.com.br/index.php/jornalismo-literario/conceitos>>. Acesso em: 04/07/2016.

MELO, C. V. de. 2010. *O lugar do romance na literatura brasileira contemporânea*. Porto Alegre, RS. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 278 p.

MORIN, E. 1997. *Introducción al pensamiento complejo*. Barcelona: Gedisa.

PENA, F. 2006. *Jornalismo literário*. São Paulo: Contexto.

PONTES, F. S. 2009. *Teoria e história do jornalismo: desafios epistemológicos*. Florianópolis, SC. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, 251 p.

SANTOS, B. de S. 1989. *Introdução a uma ciência pós-moderna*. Rio de Janeiro: Graal.

SANTOS, B. de S. 2010. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; Meneses, Maria Paula (Orgs.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez.

SILVA, G. 2009. De que campo do jornalismo estamos falando? *Revista Matrizes*. Disponível em: <<http://www.matrizes.usp.br/index.php/matrizes/article/view/117/189>>. Acesso em: 04/ 07/ 2016.